

CEFET-RJ: E/LE em um centro tecnológico

Maria Cristina Giorgi (CEFET-RJ/ UFF)

Neste trabalho buscamos compreender a importância do trabalho com E/LE e como ocorre a inserção desse professor em um Centro Federal Tecnológico, que apresenta como peculiaridade ser uma instituição onde convivem: ensino médio, ensino técnico, ensino superior e pós-graduação e onde, sabidamente, as disciplinas da área de exatas são mais valorizadas. Afinal, cada vez mais, verifica-se na sociedade atual um aumento no que concerne à relação entre ciência e tecnologia nas atividades produtivas e nas relações sociais e, como resultado, apresentam-se incessantemente novas exigências para a formação do cidadão, que pressupõem um ensino de graduação não mais pautado em estrutura curricular rígida e baseado em enfoque de conteúdos artificiais.

Dessa forma, segundo Alvarez (2000), a discussão sobre a produção acadêmica ocorre em um cenário internacional de transformações significativas no universo da pesquisa, que vem repercutindo no Brasil: a transposição da aplicação do conceito de produtividade válido para a produção de bens (de mercadorias destinadas ao mercado consumidor) para a produção do trabalho científico acadêmico.

Por outra parte, a política educacional que vem sendo implementada desde meados da década de 90 reserva um lugar especial ao ensino técnico visto que pressupõe a necessidade econômica da formação de profissionais de nível médio, como exigência do desenvolvimento tecnológico em todos os setores.

Dentro desse contexto, torna-se relevante a transformação desses centros em instituições de ensino superior, que segundo Ciavatta (2006, p. 913)

reflete “uma exigência posta por sua aproximação com o mundo da produção, da ciência e da tecnologia e a necessidade de formar para o trabalho complexo”.

Algumas considerações teóricas

Nossas reflexões têm como base propostas que consideram a linguagem como resultado de uma atividade humana, de um agir discursivo no mundo que nos situa, numa posição que confere especial destaque a contribuições interdisciplinares como Psicologia Social, História, Educação, Estudos Culturais, à perspectiva dialógica da linguagem, à Análise do discurso de base enunciativa, à Lingüística aplicada crítica.

Privilegiamos as orientações de Bakhtin (1979, 1929), para quem a linguagem está diretamente relacionada à ação sobre o outro, e se tem no enunciado uma constante resposta aos enunciados do outro e aos seus próprios enunciados. O sujeito, para expressar-se, considera a reação de seu co-enunciador ao que se lhe está sendo dito e isso influencia sua fala.

Aliamos às reflexões de Bakhtin, conceitos advindos da Análise de discurso de base enunciativa, por entendermos que é a enunciação que permite a encenação discursiva daqueles acontecimentos únicos construídos em tempo e espaços discursivos (MAINGUENEAU, 2001). Longe da idéia de que discurso e realidade são exteriores um ao outro, essa perspectiva entende que o discurso não traduz passivamente uma dada conjuntura, mas é forma de ação produzida por um sujeito em espaço e tempo determinados.

Como tentativa de melhor compreender a questão “do que é ensinar” e de articular estudos vinculados à linguagem e ao trabalho, recorreremos a conceitos advindos das Ciências do Trabalho, uma vez que pesquisas relacionando esses dois eixos vêm sendo desenvolvidas nos últimos anos, no Brasil e na França,

caracterizando um campo pluridisciplinar de análise. Tal espaço teórico reflete a aceitação da teoria da enunciação, bem como a “indissociabilidade” entre formas lingüísticas e seu funcionamento nas interações socialmente situadas.

Finalmente, para melhor entender como se estabelecem as relações de saber-poder dentro do CEFET-RJ, recorreremos a Foucault (1987, 1996), que considera o homem enquanto resultado de uma produção de sentido, de uma prática discursiva e de intervenções de poder e o discute enquanto sujeito e objeto do conhecimento, através de três procedimentos em domínios diferentes: a arqueologia, a genealogia e a ética. Esses procedimentos constituem momentos do método por meio do qual são abordados os saberes que falam sobre o homem e as práticas discursivas.

O CEFET-RJ e o saber técnico

O saber técnico, seu poder de sedução e de dominação por meio da produção está na origem do nascimento da ciência moderna e do avanço que representou, na história da humanidade, a passagem do centro do universo da terra para o sol, da verdade divina para a verdade estabelecida pelo ser humano. Mas, desde o início, a contradição se fez presente na concepção dos fenômenos como se pudessem ser conhecidos como partes separadas, independentes do todo que as articula, e não uma unidade vital, um mundo inter-relacionado nos seus múltiplos aspectos. Desvincular a técnica, a ciência e as tecnologias de seu contexto, do universo de relações sociais e de classe que elas estabelecem é o caminho do determinismo tecnológico (FRIGOTTO, 2005, p. 3) que opera por uma “descontextualização da tecnologia” ao tratá-la como força autônoma desvinculada das ações humanas que a produziram e dela se apropriaram em contextos históricos (LIMA FILHO, 2005 *apud* CIAVATTA, 2006).

Acredito que a citação anterior permite-nos desenvolver alguns questionamentos pertinentes para a compreensão do espaço que temos como professores de Língua no ensino médio, nessa instituição ímpar, quer por sua origem, relacionada à “evolução de um tipo de instituição educacional” que, no século passado, apoiou o movimento de industrialização brasileiro, ou seja, vinculada ao ensino profissionalizante; quer por ter no mesmo espaço físico alunos do ensino

técnico, ensino médio, pós-graduação *lato e stricto sensu* e professores que se alternam dando aulas em todos os âmbitos, sempre que a disciplina ministrada o permita, uma vez que em 1978, transforma-se em Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca — CEFET-RJ, por determinação da Lei 6.545, que lhe outorga:

objetivos conferidos a instituições de educação superior, devendo atuar como autarquia de regime especial, vinculada ao Ministério da Educação e Cultura — detentora de autonomia administrativa, patrimonial, financeira, didática e disciplinar —, na oferta de cursos de graduação e pós-graduação, em atividades de extensão e na realização de pesquisas na área tecnológica.¹

De acordo com resumo apresentado em *site* da Unicamp (<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/c.html>), os CEFETs são

instituições de ensino subordinadas ao Ministério da Educação, dotadas de autonomia administrativa, didática e financeira — por tratarem-se de autarquias federais. São responsáveis por ofertar educação profissional, através de seus diferentes cursos e programas, inclusive cursos superiores vinculados à área tecnológica e mesmo cursos de pós-graduação *lato e stricto sensu*, além do ensino médio. Por ter esta característica, têm em seus quadros, professores da carreira de 1º e 2º graus e da carreira de ensino superior, mas se vinculam, assim como as outras Instituições Federais de Educação Tecnológica (IFETs), à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) do MEC. Juntamente com a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, com as Escolas Agrotécnicas Federais (EAFs), com as Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais e com a Escola Técnica Federal de Palmas, compõe a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

Se consideramos as duas características apontadas — a origem vinculada a saberes da área industrial e o fato de somente alguns professores terem a possibilidade de ocupar espaços distintos — e as relacionamos à citação inicial, penso que alguns questionamentos tornam-se relevantes.

O CEFET-RJ é um espaço no qual, conforme apresentado, determinados saberes são privilegiados: aqueles que remontam à área industrial, à tecnologia, àquilo que em geral chamamos de área de exatas. Ainda que a origem da instituição tenha

sido indicada como ponto que, certamente, dá suporte à valorização desses saberes, é preciso pensar que a própria origem das escolas técnicas não é um fenômeno que acontece aleatoriamente.

Com o objetivo de melhor contextualizar o universo dessa discussão optei por apresentar o CEFET-RJ por meio da sua própria página *web*, ou seja, “o CEFET-RJ pelo CEFET-RJ”:

é desafiado e se desafia, permanentemente, a contribuir no desenvolvimento do Estado do Rio de Janeiro e da região. Atento às Diretrizes de Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior do país, volta-se a uma formação profissional que deve ir ao encontro da inovação e do desenvolvimento tecnológico, da modernização industrial e potencialização da capacidade e escala produtiva das empresas aqui instaladas, da inserção externa e das opções estratégicas de investimento em atividades portadoras de futuro — sem perder de vista a dimensão social do desenvolvimento. Assim se reafirma como uma instituição pública que deseja continuar a formar quadros para os setores de metalmecânica, petroquímica, energia elétrica, eletrônica, telecomunicações, informática e outros que conformam a produção de bens e serviços no país.²

E também, segundo a Unicamp,

instituições de ensino subordinadas ao Ministério da Educação, dotadas de autonomia administrativa, didática e financeira — por tratarem-se de autarquias federais. São responsáveis por ofertar educação profissional, através de seus diferentes cursos e programas, inclusive cursos superiores vinculados à área tecnológica e mesmo cursos de pós-graduação *lato* e *stricto sensu*, além do ensino médio. Por ter esta característica, têm em seus quadros, professores da carreira de 1^o e 2^o grau e da carreira de ensino superior, mas se vinculam, assim como as outras Instituições Federais de Educação Tecnológica (IFETs), à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) do MEC. Juntamente com a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, com as Escolas Agrotécnicas Federais (EAFs), com as Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais e com a Escola Técnica Federal de Palmas, compõe a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.³

Com base no exposto, buscamos identificar como são vistos saberes relativos ao ensino de línguas em uma instituição que explicitamente valoriza saberes relacionados à tecnologia, à indústria — já que segundo ela são eles que apontam para uma proposta de futuro — materializados em setores de metalmecânica,

petroquímica, energia elétrica, eletrônica, telecomunicações, informática e outros que, segundo o próprio centro, configuram “a produção de bens e serviços no país”.

Nesse sentido, como estudiosa da área da linguagem, entendo que o diálogo com esses discursos, que de certa forma são constitutivos da instituição, nos apontarão “vozes” e “saberes” valorizados institucionalmente em detrimento de outros que também fazem parte dessa história. E, como sustenta Daher (2004), materialização via discurso desses saberes acumulados constitui um patrimônio acerca do que “se diz sobre”, “se espera” e “se deve saber” e organiza uma memória discursiva com base nas formulações que repetem, recusam e transformam outras formulações, que, por sua vez, contribuem para a configuração da imagem do “professor ideal”, “valorizado”.

Algumas reflexões finais

Uma vez que nossa pesquisa está em seu momento inicial, buscamos neste artigo apontar a relevância de contribuições de investigações no âmbito das ciências chamadas humanas e sociais no mundo tecnológico, promovendo reflexões, suscitando angústias e, por que não, gerando possíveis movimentos de mudanças, pois acreditamos que escolhas vinculadas às nossas próprias atividades têm maior chance de, ainda que de maneira micro, favorecer nosso entorno. Assim, compreender de que forma uma instituição funciona possibilita um modo de transformá-la, e para isso, pesquisa e pesquisador desvinculam-se das idéias de acúmulo de teorias e repetições do que já foi dito e de neutro descritor de eventos e conceitos, respectivamente.

O pesquisador é, pois, um autor que tem posições e faz escolhas, e a pesquisa, a nosso ver, pressupõe um caráter de intervenção que:

O processo de formulação da pesquisa-intervenção aprofunda a ruptura com os enfoques tradicionais de pesquisa e amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas, enquanto proposta de atuação transformadora da realidade sócio-política, já que propõe uma intervenção de ordem micropolítica na experiência social. O que se coloca em questão é a construção de uma “atitude de pesquisa” que irá radicalizar a idéia de interferência na relação sujeito/ objeto pesquisado, considerando que essa interferência não se constitui em uma dificuldade própria às pesquisas sociais, em uma subjetividade a ser superada ou justificada no tratamento dos dados, configurando-se, antes, como condição ao próprio conhecimento (STENGERS, 1990 *apud* ROCHA; AGUIAR, 2003, p. 4).

Referências

ALVAREZ, D. *Produção acadêmica no Instituto de Física da UFRJ: questões ligadas à temporalidade, organização do trabalho e avaliação*. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) — COPPE, UFRJ, Rio de Janeiro, 2000.

AMIGUES, R. *Trabalho e formação de professores: uma abordagem ergonômica*. São Paulo: Programa de Pós-graduação em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL)/ PUC, 2004. Notas de Aula. Mimeografado.

AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro, Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa, 2001.

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CANCLINI, N. *Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

_____. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

ClAVATTA, Maria. Os Centros Federais de Educação Tecnológica e o ensino superior: duas lógicas em confronto. *Educ. Soc.*, v. 27, n. 96, p. 911-934, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302006000300013&lng=pt&nrm=iso>.

COSTA, M. V. *O diálogo entre a ciência e o mundo — uma agenda para jovens pesquisadores e pesquisadoras*. Palestra apresentada no Seminário de Iniciação Científica da Universidade Federal Fluminense, 2001. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/neccso.html>>. Acesso em: 23 ago. 2007.

_____. Novos olhares na pesquisa em educação. In: COSTA, M. (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

DAHER, D. C. *Práticas de linguagem e mundo do trabalho: exames de seleção de profissional*. Projeto em desenvolvimento, aprovado pelo Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística — PROCIÊNCIA/ UERJ, 2008.

DAHER, D. C.; SANT'ANNA, V. L. A.; ROCHA, D. A entrevista em situação de pesquisa acadêmica: reflexões numa perspectiva discursiva. *Polifonia*, Cuiabá, v. 8, 2004.

FISCHER, R. A paixão de trabalhar com Foucault. In: COSTA, M. (Org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FOUCAULT, M. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2003.

_____. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2004.

FURLANETTO, M. *Práticas discursivas: desafio no ensino de língua portuguesa*. Texto apresentado na mesa-redonda Estudos Lingüísticos e Ensino de Língua. Ponta Grossa, 2004. Disponível em: <http://br.geocities.com/agatha_7031/pratica.html>. Acessado em 27/09/2007>.

HALL, S. *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MACHADO, Anna Rachel (Org.). *O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva*. Londrina: EDUEL, 2004a. p. 35-53.

MAINGUENEAU, D. *Termos-chave de Análise do Discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.

MUTTI, R. M. V. Análise de discurso e ensino de português: o que interessa ao professor. *Revista Entrelinhas*, 2003. Disponível em: <<http://www.entrelinhas.unisinos.br/index.php?e=1&s=9&a=5>>.

PENNYCOOK, A. A Lingüística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica. In: SIGNORINI, I.; CAVALCÂNTI, C. *Lingüística Aplicada dos anos 90: em defesa de uma abordagem crítica*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

ROCHA, M.; AGUIAR, K. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicol. Cienc. Prof.*, v. 23, n. 4, dez. 2003. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000400010&lng=pt&nrm=iso>.

Notas

¹ <<http://www.cefet-rj.br/instituicao/instituicao2.htm>>.

² Grifos nossos. (<<http://www.cefet-rj.br/instituicao/instituicao2.htm>>.)

³ <<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/c.html>>.